

US\$ 567 milhões já deixaram o País em outubro

Estudo francês prevê dificuldades

*Relatório
preparado por banco
traça cenários
intranquilos*

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS – Às vésperas das eleições presidenciais brasileiras, o banco francês CDC Ixis, especializado em administração de recursos, divulgou relatório, assinado pelos economistas Carlos Quenan e Luis Miotti, professores universitários especializados em América Latina, sobre a provável evolução da situação econômico-financeira do País após 27 de outubro. Foram previstos três cenários distintos, nenhum deles muito animador. Para os economistas do CDC Ixis, a degradação das variáveis financeiras, notadamente do câmbio e “spreads”, mostra que a existência de um perigo de crise grave ainda persiste. Segundo essa análise, intitulada “Brasil, a hora da verdade”, o plano de ajuda do FMI contribuiu para evitar o pior cenário a curto prazo – uma moratória ainda durante o período eleitoral –, mas o risco político subsiste e deverá perdurar até que o novo presidente assuma suas funções.

Só então será possível responder perguntas como: “Um presidente para aplicar qual política, e com que maioria?” Já a partir da eleição do novo presidente o País deverá atravessar uma fase crítica, cujas turbulências só poderão se acalmar se forem encontra-

das respostas positivas para essas perguntas.

De imediato, segundo o estudo, as perspectivas a curto prazo deverão permanecer equilibradas sobre o fio de uma lâmina, razão pela qual não se exclui, entre os três cenários, o pior, o de uma moratória. Esse cenário teria consequências nefastas para a economia, mesmo porque a persistência de taxas de juros muito elevadas, agora em 21 % ao ano, prejudica as empresas locais.

Fortemente endividado no exterior, o setor privado enfrenta grandes dificuldades com a queda do real. Em parte, a degradação da situação se deve ao agravamento das incertezas políticas neste período de renovação completa dos dirigentes políticos. Segundo o relatório, os mercados têm antecipado a vitória

do candidato da oposição, mas o novo tom “market friendly” utilizado por Lula ainda não os convenceu inteiramente. Por enquanto, permanecem as dúvidas dos investidores sobre a sinceridade das convicções liberais desse antigo sindicalista, sobre sua competência como administrador, bem como a de seus conselheiros. Eles constatarem também que ele deverá dispor de uma margem de manobra mínima entre os problemas econômicos e financeiros e o vigor da demanda social inevitável.

Independentemente das eleições, o Brasil vai atravessar, até o final do ano, um pe-

ríodo de grandes riscos, diz o relatório do CDC Ixis. No plano externo, o contexto internacional permanece desfavorável. O crescimento econômico mundial deverá permanecer muito fraco em 2003 e o nível dos investimentos estrangeiros diretos estarão, durante muito tempo, bem abaixo dos níveis dos anos anteriores.

Do ponto de vista econômico, três cenários são possíveis a curto prazo. O primeiro, o mais otimista, parte do princípio de que os mercados não vão derrapar ainda mais e as variáveis financeiras poderão voltar a um nível mais razoável. De qualquer forma, uma política de austeridade será necessária para respeitar os objetivos fixados com o FMI.

O segundo cenário, o mais provável para o CDC Ixis, pode ocorrer se a saída política se revelar pouco satisfatória para os mercados e a moeda permanecer muito deprimida. A volatilidade das variáveis financeiras deverá persistir e haverá necessidade de uma reestruturação parcial da dívida interna, mas se preservará o sistema bancário.

O terceiro cenário é o de crise grave em consequência de um pânico ligado à evolução da situação política. Ele comporta uma séria crise cambial, perda do controle da situação financeira e moratória interna e externa.

**RISCO DE
MORATÓRIA
PODERÁ
PERSISTIR**